

RESENHA

LINDOSO, Dirceu. **A Utopia Arnada - rebeliões de pobres nas matas do Tombo Real (1832-1850)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, 461 pp.

Resenhado por SOCORRO FERRAZ

Professora do Departamento de História da UFPE

A primeira preocupação do Autor ao apresentar o livro é considerar, não de todo ortodoxo, o devassamento metodológico, pelo qual enveredou para a realização do seu trabalho. E a primeira preocupação do leitor é definir o que é um procedimento metodológico ortodoxo, no sentido de apreender, com mais clareza, o método do autor.

O método, considerado por Lindoso não ortodoxo, resultou da maneira como se exercitaram os fatos: o arquivo, os documentos probatórios, a etnologia aplicada ao fato histórico, que decodificou aspectos inéditos do social. Ao justapor o rigor da ciência histórica com a etnologia, o autor acrescentou aos seus instrumentos de análise outra contribuição: a do método geográfico, para aferir o espaço físico da insurrecionalidade. Explica o autor que, para revelar o ser social cabano, considerou procedentes “os fatos mais humildes”. Também, não perseguiu o ineditismo do fato histórico, fez um cotejamento entre o discurso histórico antiinsurrecional, que a “historiografia da dominação

sesmeiro-escravista encerrava” com o discurso cabano, que sobreviveu ao seu tempo. Os raros escritos sobre os cabanos ou as informações conhecidas através da oralidade chegaram à contemporaneidade contaminados, aparentemente, da ideologia dos dominantes. Lindoso afirma ser este discurso produzido por “testemunhos sociais insuspeitos”. Nos discursos, percebe-se a presença de uma ideologia de dominação dirigida, segundo o autor, contra os “pobres da terra”.

O discurso antiinsurrecional da historiografia tradicional considera o fato insurrecional como criminalidade social, portanto, coerente com sua ideologia; já o discurso cabano é bastante contraditório, até porque a insurreição atravessou diferentes momentos na definição de suas lideranças e, em alguns desses momentos, pode-se constatar conflitos entre a ação insurrecional e o discurso cabano. A historiografia tradicional tem apenas creditado à insurreição cabana uma “incrível contradição” entre o discurso estamental e as ações rebeldes desses pobres.

Sem a abordagem da natureza social da práxis guerrilheira cabana, o autor informa que não se pode apreender o intento da insurreição; portanto, as análises apenas historiográficas levarão à compreensão de que os cabanos realizaram ações criminais efetuadas por grupos sociais que pretendiam a propriedade da terra, utilizando-se de uma bandeira monarquista – absolutista-restauradora. Segundo o autor, situar os fatos historiograficamente nos domínios da história da cultura possibilitou a revelação de “como uma rebelião de ricos donos de terras e de escravos pode se converter numa insurreição de pobres da terra”. A violação do princípio de propriedade por parte dos cabanos fez nascer um fosso entre os senhores de engenho e os pobres, ambos no mesmo movimento. O discurso insurrecional não se modificou, apenas se inverteu.

A inversão a que o autor se refere pode ser comparada ao modelo de chuaneria européia em que o movimento se inicia com uma liderança popular, entretanto, ao cabo de algum tempo, exaurindo-se as perspectivas de vitória, a elite assume a liderança.

As lideranças, popular e elitista, são paralelas, no início do movimento; com a morte do líder popular e prisões dos chefes proprietários de engenhos e escravos, desapareceram as duas lideranças. Estava, nesse momento, esgotada a natureza do discurso absolutista-restaurador. Este continuou conservador como uma forma de despistar a

nova natureza da insurreição. Diz o autor que a mudança da natureza da guerra implicou na redução do espaço da escrita. O antigo discurso escrito foi substituído pela dominação da oralidade guerrilheira, que, após o desmantelamento do sistema cabano, gerou o esquecimento e este espaço vazio foi ocupado pela imputação criminal. Até 1965, o discurso restaurador cabano, da primeira fase, foi o único apreendido pela historiografia.

Eram cabanos os senhores de engenho, mucambeiros, índios, negros da terra, pobres sem terra? Sim, responde o autor. O mais importante é que sendo uma guerra pela qual passam todas as formas de “insurreccionalidade camponesa”, ela não se fixa em nenhuma.

A Guerra dos Cabanos se iniciou na província de Pernambuco, com a sedição miliciania de 14 de abril de 1832, tomou o caminho do sul desta província, prolongou-se por mais de três anos nas matas de Jacuípe, atingiu a província das Alagoas e acabou por persistir na ocupação da cidade de Maceió. O que buscavam os Cabanos invadindo o Consulado Britânico em Maceió, sob o comando de Vicente de Paula? Estariam os representantes comerciais britânicos vinculados a interesses comerciais da facção contrária? Ou seria o comércio da madeira para a construção naval que estava sendo disputado?

Historiograficamente, trata-se de uma rebelião agrária, estimulada por partidários da restauração da monarquia, financiada por abastados comerciantes portugueses, mas também compartilhada, em sua primeira fase, por proprietário de terras e, em todas as fases, pelos excluídos.

O estudo que Dirceu Lindoso fez sobre os Cabanos se apresenta na Utopia Armada dividido em três partes: a escrita e os guerreiros, os cabanos nas matas do rei e o tempo final. Está complementado por mapas e pela transcrição de alguns documentos, considerados fontes primárias importantes para o autor. Há uma bibliografia básica, relacionada com esse estudo e outra considerada pelo autor como geral. Ambas adequadas. Além dessas, há bibliografia específica para cada capítulo e citações com base em documentos da época.

Na opinião de Joaquim Nabuco, “o Sete de Abril abalou o edifício nacional, seguindo-se um decênio de terremotos políticos”. A Guerra dos Cabanos pode ser reconhecida como um desses. Estimulada pelos partidários da restauração, financiada por abastados comerciantes

portugueses, terminou por estimular os pobres despossuídos da terra a se revoltarem e por produzir na população urbana uma tensão permanente, já bastante agravada pela crise financeira motivada pela superabundância, desvalorização e falsificação da moeda fiduciária do cobre.

As Carneiradas, rusgas militares que ocuparam revoltosamente a cena pernambucana, entre 1834 e 1836, no seu manifesto ao governo e ao povo de Pernambuco, acusaram governo e restauradores de auxiliarem os salteadores de Panelas e Jacuípe. Portanto, seja na denúncia das injustiças sociais (cabanos), ou na exigência às autoridades de exercerem com maior rigor a repressão contra as insurreições (carneiros), os fundamentos revolucionários se exprimiam. A guerra de guerrilhas utilizada pelos cabanos não foi uma invenção dessa insurreição.

Ao concluirmos esta resenha, afirmamos ser este livro um estudo sobre um dos conflitos que varreu o interior e o litoral da região, no século XIX, hoje denominada Nordeste, utilizando o autor dois instrumentos teóricos: o fato histórico foi transformado em fato cultural; para tanto, a etnologia auxiliou a metodologia histórica e com a análise do discurso pode compreender com mais clareza o que levou pobres despossuídos e proprietários de terras a lutarem contra uma ordem social, usando palavras de ordem, aparentemente antípodas.